

**ENCARTE  
EM BRAILLE**

CONTRATO Nº 3956 / 91  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

**IMPRESSO**

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 27/28  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

**O sexo na obra  
de Guimarães  
Rosa**

***O cardápio  
utópico de Eça  
de Queiroz***

**O fascínio e os  
mistérios de  
Adalgisa**

***Pirenópolis:  
uma história de  
aventuras***

**Os  
poetas  
do  
povo**

JOEL



EDIMAR PIRENEUS  
(PMDB)

*O ciclo da mineração deixou uma herança preciosa para a nossa região - a bela e histórica Pirenópolis. Redescoberta na década de setenta pelas comunidades alternativas, que ali buscavam paz e energia, a cidade, com suas festas e tradições culturais, como a Festa do Divino Espírito Santo, acabou se transformando em uma das mais importantes atrações turísticas do Planalto Central. Mais do que um patrimônio histórico, Pirenópolis é um exemplo de que a cultura, quando incentivada, é, também, fonte de renda e geração de empregos para a nossa população.*



BENÍCIO TAVARES  
(PMDB)

*A recente safra cinematográfica produzida na cidade, que certamente vai revitalizar o Festival de Brasília, é consequência de investimentos realizados no passado, como o Pólo de Cinema e Vídeo. É preciso destacar que resultados positivos obtidos agora, como a animadora produção de curtas e longas-metragens por cineastas, diretores e roteiristas locais, são fruto de projetos iniciados há alguns anos e que começam a entrar em um período de maturação. O Pólo, lançado há quatro anos, é uma proposta vitoriosa. Mas é preciso lembrar que a idéia, antes considerada polêmica, desnecessária e utópica, vingou.*



Margarette Cássia

# O fascínio e os mistérios de Adalgisa

Danilo Gomes

**A**na Arruda Callado (casada com Antônio Callado) está escrevendo uma biografia de Adalgisa Nery. Mas, espere aí, você sabe quem foi Adalgisa Nery? Só se tiver mais de quarenta anos... Ainda assim...

Porque ela ficou esquecida depois de sua morte, ocorrida há cerca de vinte anos. Foi romancista e poetisa. Nasceu no Rio de Janeiro em 1905. Aos quinze anos, casou-se com o pintor Ismael Nery, que a imortalizou em

seus quadros. Viúva, casou-se com Lourival Fontes, o poderoso diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, o famigerado DIP, da época da ditadura Vargas. Foi deputada federal por duas vezes, pelo Partido

Socialista. Em 1969, teve o mandato cassado.

Quando Rita Hayworth interpretou "Gilda", dizia-se: "Nunca houve uma mulher como Gilda..." Os inumeráveis fãs de Adalgisa Nery também proclamavam, em êxtase: "Nunca houve uma mulher como Adalgisa...". Tal era o fascínio que exercia sua presença. Mulher bonita, dinâmica, elegante com seus chapéus e vestidos alinhados, inteligente, carismática, um sorriso encantador. Quando ficou viúva de Ismael Nery, "choveram" pedidos de casamento. Dentre os pretendentes, o poeta Murilo Mendes. Sua casa era freqüentada por Murilo Mendes, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Aníbal Machado, Álvaro Moreyra, Cândido Portinari e outras célebres figuras do mundo das artes. Jorge de Lima era seu admirador incondicional. Órfã de mãe ainda na infância mais tenra e às voltas com uma madrastra detestada, Adalgisa levou para a literatura uma fremeante angústia, uma solidão sem fim, um desacerto com o mundo. Isso refletiu-se em sua poesia e em sua ficção, notadamente no romance mais famoso, "A imaginária", tido por Elsie Lessa como uma "dolorida experiência humana". Deixou também "Poemas", "A Mulher Ausente", "Ar do Deserto", "Cantos da Angústia", "As Fronteiras da Quarta Dimensão", "Erosão", "Og", "Mundos Oscilantes" e "Neblina".

Correu mundo. Morou em Nova Iorque. Morou no México, quando Lourival Fontes foi nomeado nosso embaixador naquele país —



ali, tornou-se amiga de artistas plásticos como Rivera, Orosco e Siqueros. Seu intercâmbio cultural com o México valeu-lhe a Águia Asteca, condecoração nunca antes concedida a uma mulher. Viajou longamente pela Europa. Em Paris, o editor Pierre Seghers publicou uma coletânea de seus poemas, sob o título de "Au-Delà de Toi", em 1953.

Mulher carismática, presença marcante, de um brilho excepcional na nossa vida cultural, Adalgisa Nery começou a definhar quando seu mandato foi cassado. Sentindo-se injustiçada, entrou em depressão. Ela, que havia trabalhado na Caixa Econômica e no Conselho de Comércio Exterior e tinha sido uma musa na roda de escritores da Livraria José Olympio, na Rua do Ouvidor, deixou de lado a literatura. Flávio Cavalcanti foi buscá-la para ser jurada em seu apreciado programa de TV. Mas a estrela declinava, amargurada. Tinha vocação para a solidão. No seu romance "Neblina" ela fala em solidão-luz. Iria mergulhar novamente nessa solidão, agora já sem tanta luz. Nem os dois filhos, de seu casamento com o pintor Ismael Nery, conseguiram impedi-la de vender tudo — jóias, um apartamento e outros bens e se internar num asilo. Veio então um acidente vascular cerebral. E a voz, que encantava a todos, se foi para sempre. A estrela, finalmente, se apagou. Só agora sua luz volta até nós, nas páginas do livro que Ana Arruda Callado pretende publicar pela Rioarte. Desde já, candidato-me a leitor dessa biografia imperdível.



**MIQUÉIAS PAZ**  
(PC do B)

Mesmo com as poucas produções já realizadas no DF, o nosso Pólo Cinematográfico ainda é um imenso e belo espaço ocioso. Sem instalações que o justifiquem, o Pólo corre o risco de se tornar parque ecológico.

É necessário incentivar as produtoras de vídeo e cinema a se estabelecerem no Pólo, para que ele se torne centro produtivo. Uma pousada para os artistas e lojas de materiais fotográficos seria boa idéia. Temos, no DF, um Setor Gráfico que funciona muito bem. Por que não um Pólo que vá a todo vapor?



**MARCOS ARRUDA**  
(PSDB)

O desenvolvimento do Pólo de Cinema e Vídeo no Planalto Central, na laboriosa cidade de Sobradinho, é uma justa homenagem ao Distrito Federal, que saberá corresponder à expectativa do ingresso do país na modernidade cultural do próximo milênio.

Brasília, Patrimônio Cultural da Humanidade, vem adquirindo os meios necessários para assumir posição de vanguarda no processo de criação e produção de cinema e vídeo, setores de ponta no processo cultural, tornando-se ponto de referência fundamental para os artistas e produtores de todo o país.



Taguatinga prestigiou o lançamento do DF Letras no Teatro da Praça

# Taguatinga invade a Praça

Taguatinga prestigiou o lançamento da revista cultural de Brasília, o DF Letras. Cerca de 400 pessoas participaram do Sarrau Cultural da Praça, o primeiro evento dessa natureza realizado no último dia 5 de setembro, após a reinauguração do Teatro da Praça. Ponto de efervescência da produção cultural de Taguatinga, o Teatro reuniu naquela noite quente de uma quinta-feira pessoas de diferentes colorações partidárias, mas irmanadas pela causa maior, a cultura.

As boas-vindas à cidade foram dadas pelo administrador de Taguatinga, Maurício Dutra Garcia, e em seguida o vice-presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal, deputado José

Edmar Cordeiro, ressaltou o papel do DF Letras nos meios literários, não só de Brasília e suas áreas de influência, mas como referência nacional. Edmar frisou também que o fato de o DF Letras ser enviado para todas as escolas de 1º e 2º graus propiciaria uma motivação a mais para despertar o valor da cultura entre as crianças e adolescentes.

"Para que um país cresça culturalmente é preciso motivar e criar o gosto pelas artes ainda nas escolas", afirmou.

Acompanhado de vários escritores de Brasília, o presidente do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, Ézio Pires, sugeriu que o DF Letras encabeçasse "uma grande caravana cultural" em todas as cidades em que



Os poetas e escritores de Brasília consideram a contribuição do DF Letras valiosa

ele fosse lançado, a exemplo do que ocorria naquele momento em Taguatinga. Enquanto o DF Letras fosse lançado, paralelamente ocorreriam mostras de pinturas, músicas e livros, tudo a um só tempo, em uma caravana de cultura. A proposta teve adesões imediatas.

Durante a apresentação do show, destacamos o coral do grupo musical "De Bem com a Vida", formado por deficientes visuais que freqüentam a Biblioteca Dorina Nowill, que desenvolve o projeto Luz & Autor, coordenado pela professora Dinorá Cansado e apoiado pela supervisora da biblioteca Braille, professora Maria Dalila Brito, que coloca à disposição dos usuários obras de escritores brasileiros em linguagem Braille.

Ao som do chorinho "Brasileirinho" a bailarina Anny Correia esbanjou vitalidade, graça e leveza em sua apresentação de dança de gafeira, sendo coadjuvada por seu partner que também deu um show à parte. O cantor e compositor Beirão apa-



*A emoção tocou a todos com a música do cantor Beirão, o coral do grupo "De Bem com a Vida" e a apresentação do grupo de pagode "Nosso Canto". O deputado Edmar Cordeiro disse que o DF Letras tem repercussão nacional e a bailarina Anny Correia e seu partner deram um show de gafeira.*

receu e deu uma "canja", fazendo todo mundo cantar antigas canções da nossa música popular, além de cantar composições próprias. Encerrando o espetáculo, o grupo de pagode "Nosso Canto" fechou com chave de ouro a apresentação musical. Depois foi servido um coquetel e a festa foi noite a dentro.

## O Teatro é do povo

Chico Nóbrega

O poeta maior da Bahia, Castro Alves, um dos maiores nomes da língua portuguesa, afirmava que a praça era do povo e o céu do condor. Em Taguatinga, cidade-satélite do Distrito Federal, a reinauguração de um teatro, o Teatro da Praça, localizado próximo à Praça do Relógio, ampliou e extrapolou as palavras do poeta. Tanto a Praça quanto o Teatro, agora, são de fato do povo.

Não foi à toa que o bravo poeta-jornalista - ou jornalista-poeta? - Ézio Pires, presidente do Sindicato dos Es-

critores do DF, fez uma defesa candente da cultura de Brasília e daqueles que nela militam a duras penas. O vice-presidente da Câmara, deputado José Edmar, garantiu que o DF Letras também fará o seu sarau em Ceilândia, uma cidade com uma história singular.

E a noite foi ganhando densidade com o coral dos deficientes visuais da biblioteca Dorina Nowill, com a dança de gafeira de Anny Correia e seu partner, do bom violão-vagabundo do cantor e compositor Beirão,

do pagode do grupo "Nosso Canto", dos amigos e companheiros do DF Letras. Até o nosso deputado-mímico - ou ao contrário? - Miquéias Paz fez sua "declaração" de devoção à cultura e ao DF Letras, sem contar com a performance do Mário Carvalho que, embalado em um "Navio Negro" pós-moderno, fez da declamação uma homenagem sincera a ex-deputada Maria de Lourdes Abadia, entregando-lhe uma deslumbrante rosa vermelha-coração, sangue, emoção, êxtase.